

Agora, Sarney quer é gastar.

30 017 1983

JORNAL DA TARDE

O clima de fim de festa e o sonho do presidente da República de continuar na política, após deixar o cargo, poderão custar caro aos cofres do Tesouro. Além de mostrar-se sensível a um quarto de choque, após as eleições, com a esperança de trazer a inflação para uma taxa mensal de 8%, José Sarney tem sido generoso na liberação de verbas a amigos, contrariando a orientação dos ministros Mailson da Nóbrega, da Fazenda, e João Batista de Abreu, do Planejamento. Os presenteados mais recentes com um valor de NCz\$ 11,7 bilhões foram Íris Rezende, da Agricultura, e Reinaldo Tavares, dos Transportes, ambos mui-

to chegados ao presidente. O dinheiro será aplicado em obras como a Ferrovia Norte-Sul, no Maranhão, terra natal de Sarney.

São muitas as pressões para que o presidente deixe de seguir a orientação dos ministros da área econômica. Uma das fontes é o próprio Palácio do Planalto, onde um eventual choque na economia, depois de 15 de novembro, vem sendo articulado, à revelia de Mailson, e com o aval de Augusto Marzagão, assessor de Sarney. Existem também pressões de empreiteiras para receber as dívidas vencidas junto ao governo, num valor aproximado de US\$ 3 bilhões. E o próprio presidente, se-

gundo relatório elaborado pela Semprel, empresa de consultoria do ex-ministro Said Farhat, tem intenções de gastar mais para melhorar sua imagem, mas antes gostaria que a inflação fosse reduzida por meio de um choque. Com isto, ele ficaria fortalecido para gastar à vontade.

Mailson e Abreu vêm insistindo, porém, no risco de descontrole da economia, caso o governo gaste o que não tem e aplique mais uma receita de choque do tipo congelamento de preços e salários. A resposta de Sarney, segundo o relatório da Semprel, foi a seguinte: "cada governo carrega sua carga, eu já carreguei a minha". O documento também afirma que o presidente está de olho numa verba orçamentária de NCz\$ 20 bilhões, destinada ao pagamento dos salários do funcionalismo, em dezembro.

Os encarregados de levar o plano da ganância adiante são os ministros Ivan de Souza Mendes, do SNI, e Ronaldo Costa Couto, chefe do Gabinete Civil, pois Sar-

ney está descontente com a "teimosia" de Mailson e Abreu. Costa Couto, inclusive, está pronto para assumir o lugar de Mailson, se ele optar por deixar o governo. E o chefe do SNI tenta fazer um contraponto na busca de um equilíbrio entre os que querem gastar e os que preferem a austeridade, como é o seu caso.

Sarney gostaria de se ver livre de Mailson e de Abreu, mas no Palácio do Planalto a demissão dos dois ministros da área econômica é considerada como uma "operação de alto risco". Isto porque Sarney ficaria exposto às conseqüências de sua decisão. Mas se depender de Abreu e Mailson, segundo diz o documento, só sairão do governo se o presidente os demitir. Eles acham que desta vez Sarney precisará assumir o ônus de demitir os ministros da área econômica, ao contrário da estratégia utilizada em outras épocas, com a tática da "fritura", como aconteceu com Francisco Dorneles, Dilson Funaro e Bresser Pereira.